

➤ A questão da loucura: a ruptura do pensamento verticalizante em Guy de Maupassant e Machado de Assis

Prof. M. A. Jorge de Azevedo Moreira

Mestre em Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa – UFRJ

Professor de Língua Portuguesa – Faculdade de Letras – UFRJ

Apresentados muitas vezes como campos irremediavelmente antagônicos, o misticismo e a ciência convergem num ponto: o objetivo de explicar o enigma da existência humana. A partir dessa perspectiva, é possível encontrar identificações mais notáveis entre essas duas áreas, como propõe Jean Fabre, em seu ensaio sobre literatura fantástica, *Le Miroir de Sorcière* (1992).

Para o estudioso, misticismo e ciência expressam na verdade duas mentalidades distintas, chamadas respectivamente de “arcaica” e “positiva”. Cada mentalidade, por sua vez, se constrói sobre uma perspectiva particular de apreensão do tempo.

Assim, na mentalidade arcaica, o tempo é avaliado num eixo vertical, em que a seqüência de pontos não constitui efetivamente uma progressão, mas sim uma sobreposição de instantes. Essa integração temporal acarreta uma visão holística do mundo, de sorte que a existência é vista como um presente perpétuo ou ainda uma marcha circular. Isso justifica a procura de vínculos ocultos entre fatos em princípio díspares, não só no tempo como também no espaço. Ainda de acordo com Jean Fabre, a temporalidade vertical representa um dispositivo de defesa do homem contra a angústia suscitada pela passagem do tempo, pois lhe garante a possibilidade de uma existência eterna ou cíclica. Os sofrimentos e percalços da existência humana são muitas vezes justificados, portanto, como etapas transitórias de uma jornada incessante da alma, crença que manifesta o caráter de segurança próprio da temporalidade vertical.

A mentalidade arcaica se desenvolve no pensamento de ordem metafísica, que apregoa a existência de planos e fenômenos fora da realidade física visível, suscetíveis de serem conhecidos ou mesmo manipulados pelo homem, mediante os mais variados rituais. Incluem-se aí as mais variadas práticas, como doutrinas esotéricas, ortodoxias religiosas, mitos e até mesmo as superstições.

Por outro lado, a mentalidade positiva se caracteriza pela compreensão do tempo como uma reta horizontal, em que cada ponto, numa seqüência irreversível, representa um momento singular e fugaz, traços que evidenciam a chamada “individuação” (FABRE, 1992, p.19). Sendo assim, a mentalidade positiva observa os fenômenos naturais numa sucessão patente de causas e efeitos, razão pela qual tem sua expressão no pensamento de ordem racionalista e científico. Em virtude das idéias de individuação e de progressão, é normal que a mentalidade positiva admita lacunas em seus postulados, que deverão ser sanadas à custa de novas descobertas. Isso se deve ao fato de a aquisição de conhecimentos e o conseqüente entendimento do universo serem processos em constante evolução, sempre em busca de aperfeiçoamento.

Contudo, Jean Fabre adverte que não se devem confundir os conceitos de racionalidade e horizontalidade, pois existem pensamentos de ordem racional que remetem a um caráter verticalizante, na medida em que propõem explicações cabais e infalíveis em relação aos fenômenos que estudam. Desse modo, o caráter vertical proporcionado pela mentalidade arcaica é pretensamente substituído por uma variante da mentalidade positiva que visa à explicação incontestável dos fenômenos ligados ao homem e ao mundo, embora sem aventar a existência de um plano metafísico. Seria uma tentativa, portanto, de retirar a crença inabalável no além e conferi-la à razão.

O desenvolvimento do saber científico a partir principalmente do século XVIII, quando suplanta então o pensamento metafísico, é marcado pela coexistência dessas duas perspectivas, a horizontal e a vertical. Na segunda metade do século XIX, a intensa voga do cientificismo se reflete mesmo em outros campos de conhecimento humano, inclusive na Literatura. Assim, torna-se possível observar em obras desse período o modo ambíguo com o qual se encara a verticalização do pensamento científico. De fato, muitas vezes a figura do cientista aspirante à onisciência – marcado por traços verticalizantes – segue um trajeto que vai da crença inabalável na lógica científica até o mais completo e angustiante ceticismo. A verticalização proposta pela ciência parece se mostrar incapaz, então, de substituir adequadamente a verticalização da mentalidade arcaica.

A tensa dicotomia entre crença e descrença no pensamento científico vertical se apresenta de modo notável em duas novelas escritas nessa época: *Le Docteur Héraclius Gloss* (1875), de Guy de Maupassant, e *O Alienista* (1882), de Machado de Assis. Ambos os textos tratam da crise de compreensão do mundo pelo sujeito, que, perdido na rede de teorias verticalizantes que não mais o satisfazem, desnortheia-se e isola-se da sociedade, completamente ilhado na rotulação de louco que esta lhe impõe.

Embora pertencentes a literaturas nacionais distintas, muitos traços aproximam as duas novelas. De fato, em diversas passagens, ambas apresentam um inequívoco tom humorístico, que se presta a desconstruir desde o início da narrativa a seriedade do discurso científico. Ademais, a busca da instauração de uma doutrina racionalista verticalizante por parte dos protagonistas das duas tramas se desenvolve numa estrutura narrativa similar, composta das seguintes partes: exposição da tese do protagonista; incompreensão da tese pela sociedade; inversão da tese; e, finalmente, loucura e isolamento do protagonista.

Na primeira parte das duas novelas, encontra-se a exposição da tese racionalista verticalizante feita pelo personagem central. Tanto *Héraclius Gloss* como *Simão Bacamarte*, protagonista da obra de Machado de Assis, são mostrados como eminentes sábios nas cidades em que vivem, ambos gozando de grande prestígio social e ambicionando elaborar uma teoria científica de alcance pleno e irrefutável: o primeiro buscando a “verdade filosófica”; o segundo, a criação do “remédio universal” contra todas as enfermidades psíquicas humanas – panacéia cujo objetivo se aproxima do emplastro inventado pelo protagonista de outra obra machadiana, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881).

Para *Héraclius Gloss*, todos os sistemas filosóficos e religiosos criados pelo homem não representavam senão lampejos de uma verdade maior, absoluta e indiscutível. Ora, esta verdade revela-se a ele através da descoberta casual de um manuscrito pretensamente datado do ano 184 da Era Cristã, no qual são relatadas as dezoito encarnações de um sábio identificado como o célebre Pitágoras. Assim, *Héraclius Gloss* passa a ser um fervoroso defensor da doutrina da metempsicose, isto é, da transmigração de almas de um corpo para o outro, incluindo o de animais. Em seu entender, a metempsicose comporta uma lógica que as doutrinas anteriores não possuíam. Opondo-se aos tradicionais dogmas cristãos, matéria exclusiva de fé, a metempsicose pode ser justificada racionalmente, de acordo com o que se lê nesta passagem do manuscrito:

Puisqu'en multipliant les générations qui se sont succédé depuis le commencement de cette terre par celles qui ont pullulé sur les mondes innombrables habités comme le nôtre, on arriverait à un nombre d'âmes tellement surnaturel et impossible, le multiplicateur étant infini, que Dieu infailliblement en perdrait la tête, quelque solide qu'elle fût, et le Diable serait dans le même cas, ce qui amènerait à une perturbation facheuse;

Puisque, le nombre des âmes des justes étant infini, comme le nombre des âmes des méchants et comme l'espace, il faudrait un paradis infini et un enfer partout, c'est-à-dire nulle part.

Or la raison ne contredit pas la croyance métempsychosiste. (MAUPASSANT, 1957, p. 720)

Imbuído da mesma preocupação de justificar racionalmente sua teoria, o alienista *Simão Bacamarte*, na história contada por Machado de Assis, objetiva encontrar uma fórmula infalível que distinga a sanidade

mental da loucura, a fim de tratar com êxito desta última. Tentando convencer o amigo Crispim Soares da lógica de sua investida científica, é com estas palavras que Bacamarte expressa sua ambiciosa tese:

Trata-se de coisa mais alta, trata-se de experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já minha idéia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas de uma experiência que vai mudar a face da terra. (ASSIS, 1992, p.17)

A experiência que Simão Bacamarte menciona diz respeito a seu amplo projeto de curar toda a sorte de desequilíbrios psíquicos. A instalação de uma fronteira indiscutível entre sanidade e desvario manifesta o caráter verticalizante de suas teorias, que são enunciadas da seguinte maneira:

Suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí a insânia, insânia e só insânia. (ASSIS, 1992, p. 18)

O entusiasmo pelas teses expostas pelos protagonistas das duas histórias se reveste de um tal fervor, que ambos acabam enveredando por um verdadeiro sectarismo, como se fossem devotos fundamentalistas de algum tipo de religião. Assim, a estrutura narrativa das duas novelas prossegue apresentando a incompreensão da tese verticalizante pela sociedade, que se mostra contrária ao radicalismo proposto pelos dois sábios.

No texto de Maupassant, Héraclius Gloss, acreditando piamente na possibilidade de os seres humanos reencarnarem na forma de animais, investe violentamente contra um grupo de meninos que apedreja um gato, quase afogado num rio. Seu ataque é tão brusco que um dos meninos cai na água, mas o doutor Gloss ignora-o por completo, pois se joga ao rio tão-somente para salvar o pequeno felino. O garoto consegue ser resgatado por dois marinheiros, mas tal fato não serve de circunstância atenuante para Héraclius Gloss que, sendo julgado como louco pela população enraivecida, é levado para hospício da cidade.

Em *O Alienista*, testemunha-se a mesma incompatibilidade entre a tese científica verticalizante – já bastante radical – e a sociedade. De fato, todos aqueles que demonstram um mínimo grau de desvio do que se convencionara então como “equilíbrio” são levados implacavelmente à famigerada Casa Verde, o asilo para alienados. Comportamentos comuns, como ciúme, esbanjamento de dinheiro e até a composição de textos com figuras hiperbólicas, são estimados como graves perturbações psíquicas, dependentes de um tratamento imediato. Contra a tirania de Simão Bacamarte, organiza-se um movimento de rebelião chamado “Revolta dos Canjicas” que, entretanto, por conveniências políticas, termina mantendo o alienista na posição social de destaque que ele ocupava. Todavia, o descontamento popular continua, pois mais e mais pessoas continuam a ser recolhidas à Casa Verde, inclusive a própria esposa do alienista, cuja “moléstia” alegada era seu gosto excessivo por roupas. A loucura é sentenciada de modo arbitrário na cidade:

Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charada, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo cuidado na tafularia, um e outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo, ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. (ASSIS, 1992, p. 38)

O levante popular contra as teorias radicais dos dois personagens centrais leva-os a uma reavaliação de suas idéias, que culminará, na seqüência narrativa, com a inversão das teses formuladas anteriormente.

Internado no asilo por vontade do povo, Héraclius Gloss encontra um outro adepto da metempsicose, Dagobert Félorme. Nessa altura, o doutor Gloss, já convencido de caber a si próprio a autoria do manuscrito, redigido numa outra vida, escuta incrédulo o relato das existências anteriores de Félorme,

que coincide exatamente com tudo o que se lia naquelas malfadas folhas. Dolorosamente, Héraclius Gloss percebe que se enganara, pois o manuscrito que tanto o impressionara fora escrito, na verdade, por um homem internado como louco. Decepcionado, o doutor Gloss migra da crença inabalável ao repúdio total pela metempsicose, crença que lhe conferiu a fama de mentecapto e que lhe retirou o prestígio social.

Por sua vez, Simão Bacamarte é levado a reformular seus princípios, ao se dar conta de que quatro quintos da cidade já tinham sido levados à Casa Verde. Assim, o alienista altera suas teorias: os loucos não mais seriam contados entre aqueles que manifestavam algum grau de desequilíbrio, mas sim entre os que eram perfeitamente equilibrados e coerentes. Desse modo, as virtudes morais passam a ser encaradas como loucura, e os novos alienados ganham alojamentos diferenciados na Casa Verde: criam-se, assim, alas para os tolerantes, os verídicos, os leais, os sagazes, os sinceros, etc.

Finalmente, a última etapa narrativa comum às duas novelas se atém à loucura e ao isolamento dos protagonistas, que marca definitivamente a derrocada de suas idéias.

Quando retorna para casa, Héraclius Gloss se descontrola emocionalmente, pois vê em seu jardim uma multidão de animais reunidos inocentemente por sua empregada, que julgava ainda persistir a fé de seu patrão na metempsicose. À visão desse pequeno zoológico sucede-se um implacável massacre, já que o doutor Gloss serve-se uma pá a fim de eliminar cada um dos bichos que lá se encontravam. Chamado a partir daí, de modo zombeteiro, de “amigo dos animais”, sobretudo pelas crianças maldosas, Héraclius Gloss devota-se insanamente a matar toda espécie de bichos que consegue encontrar, sendo por essa razão reconduzido de modo definitivo ao asilo de alienados, diagnosticado como louco por todos os médicos da cidade.

Isolamento semelhante ocorre na novela machadiana. Verificando que as pessoas virtuosas apresentam falhas de caráter circunstanciais quando submetidas a algum tipo de tentação, Simão Bacamarte conclui dramaticamente que apenas uma única pessoa agira com coerência irretocável em toda a cidade: ele próprio, que seguira fiel e tenazmente seus princípios, baseado em qualidades como perseverança, paciência, lealdade e, sobretudo, modéstia; é esta última justamente que lhe impedira de notar em si mesmo suas proeminentes qualidades, conforme seus próprios amigos declararam. Assim, ao alienista não resta outra alternativa senão declarar-se o único louco da cidade, fato que o leva a se internar sozinho na Casa Verde, onde viria a morrer dezessete meses depois.

Embora algumas diferenças entre as duas novelas analisadas sejam óbvias, já que Héraclius Gloss é mais um filósofo do que propriamente um homem das ciências, enquanto Simão Bacamarte se apresenta como um notável médico empirista, a atmosfera do cientificismo verticalizante próprio da segunda metade do século XIX é inquestionável. Apesar de a trama de Maupassant se situar em algum período do século XVIII (“le 17 mars de l’an de grâce dix-sept cent – et tant”) e a narrativa de Machado se desenrolar em “tempos remotos”, a imprecisão cronológica não basta para afastar os dois textos de sua contemporaneidade. A questão da loucura, que aflora nas duas novelas, é, com efeito, um dos temas mais presentes nas ciências do século XIX, refletido com grande ímpeto também na Literatura desse período.

Assim, estabelecidas as semelhanças contextuais e estruturais entre as duas obras, percebe-se que elas convergem na direção de um conflito: a impossibilidade do eu, amparado num sistema de pensamento verticalizante, de apreender o mundo que o cerca. Nesse sentido, a loucura emerge como o paroxismo dessa incapacidade, sinalizando, após a ruptura com a segurança verticalizante do cientificismo, o único lugar em que o desnorteado sujeito pode se refugiar: sua própria mente.

Referência Bibliográfica

1 – ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O Alienista. São Paulo, Ática, 1992. Prefácio de José Carlos Garbuglio. Texto explicativo de Carlos Faraco.

2 – BANCQUART, Marie-Claire. Maupassant, conteur fantastique. Paris, Minard, 1976.

- 3 – BESSIÈRE, Irène. Le récit fantastique. La poétique de l'incertain. Paris, Larousse, 1974.
- 4 – BOSI, Alfredo et alii. Machado de Assis. São Paulo, Ática, 1982.
- 5 – FREUD, Sigmund. "O Estranho". In: _____. Uma neurose infantil e outros trabalhos. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1987. 24 vols. vol. 17. p. 237-269.
- 6 – HAUSER, Arnold. Histoire Sociale de l'Art et de la Littérature. L'Époque contemporaine. Paris, SFIED, 1984. 4 vols. vol 4.
- 7 – FABRE, Jean. Le miroir de sorcière. Essai sur la littérature fantastique. Paris, José Corti, 1992.
- 8 – LUCENA FILHO, Jaime Pereira de. Cartografias da loucura. Uma micropolítica machadiana. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 209 p. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. 1992.
- 9 – MAUPASSANT, Guy de. "Le Docteur Héraclius Gloss". In: _____. Contes et nouvelles. Paris, Albin Michel, 1957. 2 vols. vol.2. p. 709-757. Édition d'Albert-Marie Schmidt avec la collaboration de Gérard Délaissent.
- 10 – MOREIRA, Jorge de Azevedo. O Realismo bruxuleante e o Fantástico em Guy de Maupassant. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001. Dissertação de Mestrado. 204 p.
- 11 – OZWALD, Thierry. La nouvelle. Paris, Hachette, 1996.
- 12 – PONNAU, Gwenhaël. La folie dans la littérature fantastique. Paris, CNRS, 1987.
- 13 – TODOROV, Tzvetan. Introduction à la littérature fantastique. Paris, Seuil, 1970.

